



O PENSAR SACRAMENTAL EM LEONARDO BOFF

Euler Renato Westphal¹

I. INTRODUÇÃO

Apresentamos um estudo a respeito da compreensão sobre o sacramento na tradição católica romana, especificamente da teologia católica contemporânea, a Teologia da Libertação. Diante das limitações das propostas de transformação da sociedade a partir do pensamento marxista, a teologia latino-americana se deparou com uma profunda crise de sentido. Assim, o foco da análise da realidade foi transferido do contexto analítico e sócio-político para o ecológico, do antropológico para o cósmico. Entretanto, quando a análise marxista estava em evidência, Leonardo Boff já pensava no passado, em termos sacramentais, incluindo a experiência com Deus como aspecto fundamental da análise da realidade. A teologia como experiência de Deus é, ao mesmo tempo, a dimensão para compreender e transformar o mundo. Assim, os grandes temas da teologia passam a ser o instrumental para se ler a realidade. O mundo é o lugar para a experiência com Deus e para a revelação de Deus. Leonardo Boff tem, em seus escritos, objetivos missionários que estão ancorados em uma profunda preocupação com a espiritualidade cristã. Para entender o seu pensamento, abordaremos um assunto com a intenção de clarear alguns aspectos importantes no âmbito da teologia latino-americana.

II. O SACRAMENTO É CONSTITUÍDO PELA COMUNHÃO DO DIVINO E DO HUMANO

Na compreensão de Leonardo Boff, o sacramento está relacionado à participação em duas diferentes dimensões da realidade, uma divina e outra humana, uma natural, outra sobrenatural. O termo correspondente para o conceito “sacramento” é “mistério”. Ambos expressam a idéia da

1 Euler Renato Westphal (Dr.) é professor de teologia sistemática na Faculdade Luterana de Teologia. É também docente da Univille – Universidade da Região de Joinville.

unidade do divino e do humano.²

Nos diversos períodos da história, entendeu-se que o divino, o sobrenatural, está ligado ao visível, ao histórico, ao humano. Houve, no decorrer da história, ênfases distintas; uma vez a ênfase foi dada ao visível e histórico, então se falava em sacramento. Quando o acento era colocado na dimensão invisível e divina, então se designava essa realidade com a palavra mistério.

O encarnado, Jesus Cristo, é o exemplo de toda a sacramentalidade, ou o principal e o máximo sacramento. Dir-se-ia também que ele é o protótipo da sacramentalidade, pois é a unidade na dualidade das naturezas. Sacramento significa que Deus atua nos elementos materiais com conseqüências espirituais sobre os seres humanos.³

Para Boff, os sacramentos concretizam o sacramento primordial nos indivíduos. Pelos sacramentos, o cristão entra em comunhão com o Cristo ressurreto, pois eles são antecipação, atualização e presentização de Cristo. Os sacramentos são incorporações encarnatórias da graça. Eles dizem respeito ao aspecto visível do mistério da auto-apresentação de Deus aos homens, pois Deus se autoparticipa na forma sacramental. A graça invisível toma forma visível nos sacramentos. A estrutura do pensar sacramental significa que Deus nos visitou em nossa corporeidade.⁴ Portanto, o ponto fundamental do pensar sacramental é que, no sacramento, o divino e o humano se encontram.⁵

Diante disso, o número dos sacramentos é ilimitado, pois tudo está encerrado sob o sacramento, inclusive todas as ações da Igreja. O rito da Igreja Católica é um sacramento, um mistério. A exemplo dos patristas, o pensar sacramental não é uma doutrina, mas é um jeito de ver as coisas. É uma estrutura de pensamento que encerra toda a economia da salvação de Deus.⁶

III. O SACRAMENTAL E A TOTALIDADE DA REALIDADE

A princípio, o pensar sacramental é um jeito de ver as coisas. Através da estrutura de pensamento sacramental buscava-se apreender as

2 Cf. Leonardo BOFF, *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung. Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen Grundlegung der Kirche im Anschluss na das II. Vatikanische Konzil. (Konfessionskundliche und kontroverstheologische Studien, 28)*. Paderborn: 1972. p. 48, 63.

3 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 69 – 70; 75 – 76.

4 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 79 – 82.

5 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 84.

6 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 103.

realidades distintas do divino e do humano, do imanente e do transcendente em uma visão única de totalidade da realidade. A totalidade da realidade deve representar um grande sacramento, como símbolo e sinal. Essa cosmovisão, jeito de ver as coisas, distingue-se do pensamento moderno que vê o mundo como mundo, as coisas como coisas. Estes são apenas materiais a serviço do domínio humano.⁷

O pensamento científico somente vê o mundo e o ser humano, mas não vê Deus. Para o cientificismo, não há lugar para Deus e para os sacramentos. Essa visão é limitada por estar concentrada na imanência. A ciência também não tem respostas diante das questões que transcendem a realidade científica. O ser humano moderno não aprendeu a pensar em categorias distintas, senão nas categorias unidimensionais da razão científica. Boff diz assim:

Toda a vida cotidiana, que move os seres humanos em sua busca de felicidade e de sua tragédia não cabe na concepção física do ‘tudo’. Pouco se me dá a imensidão dos espaços cósmicos cheios de pó sideral, de grávitons, elétrons, neutrinos e átomos, se meu coração está infeliz por não poder dar amor a quem amo, por ter perdido o sentido da vida e não encontrar consolo junto a Deus. Aqui, o discurso é outro e outros são os especialistas a serem invocados. Destas questões de vida e de morte, falam os textos sagrados de todas as religiões e das tradições espirituais. Talvez o místico William Blake (+1827) nos inspire, pois a parte nos faz surpreender o todo: ‘Ver o mundo num grão de areia/e o paraíso numa flor do campo/segurar o infinito na palma da mão/e a eternidade numa hora’.⁸

Segundo Boff, no pensamento histórico-científico se fala negativamente de Deus, pois ele está ausente do mundo, não aparece e não intervém. A experiência do mundo dos homens modernos é a da impotência de Deus. Ele se cala diante da miséria do mundo.⁹ O caminho da experiência do mundo não passa por Deus, mas pela razão. O mundo é compreendido como grandeza autônoma, e Deus foi excluído do mundo, e este é o ponto de orientação para a organização da vida dos modernos. Assim, Deus não pode ser hipótese científica, pois Deus não é o mundo.

Essa concentração no mundo gerou o processo de secularidade.

7 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 123.

8 Leonardo BOFF. *Religião e teorias do “tudo”*, in: Jornal A Notícia, coluna: Opinião. Joinville, 03 de nov. 2007. <http://www.an.com.br/2007/nov/03/0opi.jsp>. Acesso em: 04 dez. 2007.

9 Cf. Leonardo BOFF. *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*, p. 158.

Entendemos que L. Boff coloca a secularidade como ideologia totalitária, absolutizando uma forma de compreensão de realidade. O secularismo (*Säkularisierung*) é uma cosmovisão legítima que explica a totalidade das relações e do mundo. De qualquer forma, a sociedade secularizada consegue viver sem Deus.

Boff pergunta se dentro dessa cosmovisão Deus ainda fala a nós. Boff responde, dizendo que Deus aparece onde o ser humano pergunta pela totalidade do mundo, onde o mundo mostra o seu mistério e onde Deus proporciona sua diafania ao mundo. O ser humano não se satisfaz com a cosmovisão causal e fechada. Ele tem uma abertura total para os pontos de orientação. Ele precisa de um interlocutor que é Deus, ao qual o homem é ilimitadamente dependente.¹⁰

A tese de L. Boff diz que a estrutura do pensamento sacramental vê a totalidade da realidade e está aberta para o fundamento último e transcendente sobre o qual tudo está fundamentado. Deus aparece como o transcendente, o imanente e o transparente. Ele penetra a totalidade da realidade. No pensamento sacramental, as coisas não são produto do homem, mas são sinais que mostram para além de si, apontando para o amor de Deus. O mundo é um sacramento que aponta para Deus.¹¹

IV. A CRISE DAS REPRESENTAÇÕES HUMANAS DE DEUS

Boff aponta para a morte das representações sobre Deus. Essas representações são imagens de Deus. Quais são as imagens, as representações sobre Deus que estão em crise? Na crítica de Boff, a imagem do Deus transcendente, totalmente outro, está em crise, porque é um Deus acima do mundo. Este Deus, totalmente outro, está fora do mundo e não pode ser experimentado, pois se separa o mundo de Deus, e Deus do mundo. Trata-se de uma concepção próxima do deísmo.

A transcendência como representação da fala do divino tem conseqüências negativas para a vida de fé, pois não se consegue estabelecer uma ligação entre as verdades abstratas sobre a fé cristã e sobre Deus e as experiências da vida. A proclamação teológica que Deus está morto tem a ver com a afirmação da morte das representações de Deus. O Deus sem mundo gera a concepção de um mundo sem Deus. Inclusive, a transcendentalidade de Deus nos impede de dar a devida atenção e valor à encarnação de Deus em Jesus Cristo.¹²

10 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 506 – 509.

11 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 326 – 328.

12 Cf. L. BOFF. *Atualidade da Experiência de Deus*. 1974, p. 10 –2.

A concepção imanentista dilui as representações de Deus em categorias do mundo. Nesse modelo, pensamos Deus segundo o ser humano, e todos os seus atributos são atributos do ser humano. Trata-se de uma visão antropomórfica de Deus. Esta teve conseqüências desastrosas, pois a lei divina foi colocada no mesmo nível das leis humanas, e a vontade de Deus identificada com leis, dogmas, cânones, ordenações. Aqui se confundiu as representações sobre Deus com a presença de Deus.¹³

Procura-se por representações mais originárias para superar a crise. O originário está na existência histórica onde o mistério se revela. No início das representações está o encontro, a experiência com Deus. Essa experiência não está fora do mundo, mas acontece com o mundo. Deus somente é real para o ser humano enquanto experimentado nas profundezas da própria vida. A partir disso, na visão de L. Boff, projetamos imagens e construímos representações, símbolos de Deus.¹⁴

V. A TRANSPARÊNCIA DA REALIDADE DE DEUS

Boff insiste em dizer que, através de nossas representações, Deus se torna imanente nas regras da nossa linguagem e, por meio delas, vivemos Deus em proximidade. A partir disso damos sentido à nossa vida. Primeiro, nós experimentamos Deus e depois argumentamos e refletimos sobre Deus filosoficamente e teologicamente. Devemos ter consciência de que nossas imagens são símbolos e representações e que não são o divino, pois Deus transcende os conceitos humanos.

Para Boff, o nosso acesso a Deus acontece via imagens, mas estas são representações e não podem ser identificadas com Deus. Para ele, é fundamental falar da presença de Deus nas coisas do mundo. Deus se revela por meio de todas as coisas, porque tudo é figura do seu amor, da sua bondade e sabedoria. Todas as coisas tornam-se transparentes a Deus. A experiência de Deus celebra a presença dele em cada situação e vive a transparência de Deus no mundo.¹⁵

Na compreensão de L. Boff, o pensamento sacramental consiste na maneira teológica de ver o mundo (*Theo-logische Weltsehweise*). Todas as coisas são vistas sob a perspectiva da realidade de Deus, que é a mais completa, distante, e próxima da realidade.

A realidade de Deus não é somente transcendente, nem somente

13 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 13-4.

14 Cf. L. BOFF, *Atualidade da Experiência de Deus*, p. 10; 83; Neste contexto ver: Leonardo BOFF, *O evangelho do Cristo cósmico*. Petrópolis: Vozes 1971, p. 57 – 63.

15 Leonardo BOFF, *Atualidade de experiência de Deus*, p.83-86; 15-18.

imaneente, mas ela aparece transparente. A relação Deus e mundo não é expressa adequadamente pelos conceitos de transcendência e imanência, mas tem uma terceira grandeza, que vai além desses dois conceitos, denominada transparência.¹⁶

L. Boff vê em Ef 4.6 essas três dimensões, pois Deus é o único Deus e Pai que é sobre todos, expressando a transcendência. Deus atua através de todos, significando sua imanência. A transparência está entre a transcendência e a imanência.

Segundo Boff, a transparência constitui todo o mundo dos símbolos, dos sinais e dos sacramentos. Portanto, o pensamento sacramental consiste do universo simbólico. Na gênese de um símbolo está a experiência com a divindade. Temos então um encontro entre a dimensão objetiva da transcendência, do divino com a dimensão humana, subjetiva e imanente.

A transparência é um ser que possibilita que a transcendência apareça através desse ser.¹⁷

O sacramento é o elemento unificador entre o humano, o imanente, com o divino, o transcendente. O sacramento, através da imanência, é o lugar através do qual a transcendência vem à luz. O símbolo é a representação visível daquilo que é invisível. Assim, o absoluto é apreendido no símbolo. O símbolo-sacramento é a presença da transcendência na forma de imagem, do símbolo. Assim, o símbolo-sacramento é o elemento que liga e comunica o sobrenatural com o natural.¹⁸

Para Boff, são importantes as categorias do simbólico para falar de Deus e do mistério humano. Na sua compreensão, a princípio, o sacramento é uma realidade imanente que aponta para além de si. O símbolo aponta sempre para o simbolizado, mas já presentifica o simbolizado para o qual aponta.

O símbolo já é um pouco da realidade transcendente. Assim, ele se movimenta do símbolo ao simbolizado. Nesse caso, o símbolo tem a função de sinal que deve explicitar e distinguir-se, atraindo a atenção para si mesmo, obrigando as pessoas a olharem em uma determinada direção, que é o simbolizado.¹⁹

Ainda há outro movimento que caminha do simbolizado ao símbolo. O símbolo presentifica algo que não está explícito. O símbolo

16 Cf. Leonardo BOFF, *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*, p. 125.

17 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 125-126. L. Boff assume a expressão transparência para o simbólico e sacramental de Thorleif Bomann. *Das hebräische Denken im Vergleich mit dem griechischen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1965.

18 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 127.

19 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 127.

tem uma função de explicitação, expressão (*Ausdrucksfunktion*).

A compreensão teológica do mundo parte do pressuposto que Deus deixou pegadas em toda a sua criação. Todas as coisas criadas são parábolas e são sinais e figuras, e elas são sacramento. Tudo é transparente à realidade de Deus. Dentro dessa compreensão de sacramento pode-se dizer que a eternidade está escondida nos sacramentos e nos símbolos. Todas as coisas são transparentes, pois a realidade movimenta-se em direção de Deus e nutre sua existência de Deus.

O pensamento sacramental não está interessado na realidade do mundo em si mesma como o pensamento científico a vê, mas tudo que existe na criação é visto *sub specie divinitatis*. O pensar sacramental não vê a coisa como uma coisa e nem o mundo como o mundo, mas todo o conjunto da realidade é visto como sinal, símbolo, figura e sacramento de Deus.

O mundo é transparente para a realidade de Deus. A realidade é um grande sacramento de Deus. O sacramento tem dois significados fundamentais que são denominados de sinal e instrumento de graça. Para quem pensa sacramentalmente, que é o mesmo que ver tudo a partir de Deus, o cosmos como um todo é um sacramento e aparição do sagrado.²⁰

Discorreremos sobre a questão do mito, imagem, sinal e símbolo que são importantes na teologia de L. Boff. Quando se fala em sinal, então é porque este aponta para alguma coisa, remetendo para fora de si mesmo. O símbolo é representação, pois torna presente em si mesmo aquilo que representa, participando daquilo que representa.

A imagem torna o outro presente, e o representado só se torna presente pela imagem, pois se encontra dentro da imagem. O mito tem a característica de ser constituído pela relação estabelecida entre imagens e símbolos, formando um relato.²¹

Boff sabe que falar da transparência de Deus é um empreendimento arriscado, pois se poderia estar muito próximo do panteísmo. De qualquer forma, ele afirma que o mito seria a forma mais adequada de falar da transparência de Deus. Para o pensar cristão, dever-se-ia buscar uma cristologia cósmica que fala da experiência religiosa e da unidade da realidade.²²

20 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 128-31.

21 Cf. Leonardo BOFF, *O Evangelho do Cristo Cósmico*, p. 56, nota 47.

22 Cf. Leonardo BOFF, *O Evangelho do Cristo Cósmico*, p. 66.

VI. O EVANGELHO DO CRISTO CÓSMICO

Observamos que a preocupação de L. Boff é afirmar a unidade da totalidade da realidade. Cristo, na tradição de Teilhard de Chardin, não fica reduzido a um segmento da existência e não fica preso à piedade da Igreja. Ele ganha presença universal, rompendo com todas as barreiras. A natureza de Cristo é cósmica. Essa abordagem cristológica quer responder à pergunta pela unidade da totalidade da realidade.²³

L. Boff busca a legitimação da Igreja e sua relação com o mundo de hoje a partir de uma releitura da ressurreição. Cristo adquire relevância cósmica e assume o seu senhorio messiânico e preenche toda a realidade com a sua presença real e escondida. Cristo, como o único mistério-sacramento de Deus, mudou radicalmente as estruturas da situação humana.²⁴

O homem foi criado em Cristo e foi tocado em seu ser através da encarnação e da ressurreição do Senhor; a partir disso ele foi chamado à comunhão com Deus. Trata-se de uma determinação ontológica de cada ser humano.²⁵ Boff insiste dizer que “a história está grávida de Cristo”. Para Boff, os patristas entendiam que a Escritura e a história da humanidade encerravam a presença de Cristo. Por causa dessa centralidade de Cristo na história, há um cristianismo inconsciente e anônimo no mundo.

Segundo o autor, as religiões já carregam em si manifestações visíveis da graça de Cristo, pois a salvação e a graça estão no coração do mundo. Boff vê a partir do Cristo cósmico uma igreja cósmica. Na Igreja Católica culmina a economia da salvação, que encerra a história da humanidade e não a exclui.²⁶

Boff afirma que os patristas já pensavam a Igreja anônima desde a “Igreja do Abel justo”. O universo, segundo Boff, está cheio de Cristo e da Igreja. A transparência de Deus tem expressões humanas. No sacramento Jesus Cristo, Deus revelou suas raízes humanas e revelou as raízes divinas do ser humano. Em Jesus Cristo, temos a unidade de Deus e do homem.²⁷

1. A hermenêutica para o discurso do Cristo Cósmico

A pergunta pela totalidade da realidade sinaliza a resposta. A pergunta pela unidade do todo é algo inerente ao ser humano, porque ele

23 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 54.

24 Cf. Leonardo BOFF, *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*, p. 376-378.

25 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 376-378.

26 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 403 – 404; 137 – 137-138.

27 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 140.

busca orientação. Os seres não estão jogados a esmo, mas existem e se organizam em estruturas complexas de funções e sistemas. A unidade e a totalidade são uma experiência fundamental do ser humano. L. Boff pergunta pelo princípio da união e pela estrutura de totalização, que é o “proto-dado” do espírito. Todas as ciências têm a unidade e a totalidade como elemento comum.

A unidade e a totalidade não permitem uma investigação científica. A ciência consegue investigar partes do todo, aplicando seu método próprio. Para Boff, é necessário perguntar por esta estrutura fundamental que busca compreender o todo e não as partes somente.²⁸

O caminho científico é aquele do conceito e da definição que traça limites, distingue. O conceito não proporciona uma compreensão adequada da Totalidade da realidade. Os conceitos não conseguem apreender o Todo, pois surgiram da setorização da realidade. A compreensão adequada é proporcionada pelos sinais, imagens, símbolos e os mitos. O caminho do simbólico está aberto às relações e à vivência.

O conceito é o caminho adequado para interpretar cientificamente a realidade, enquanto o simbólico expressa o sentido da realidade e responde às perguntas pela unidade da totalidade. Mesmo a mentalidade científica forma uma imagem e não um conceito do mundo, por isso fala-se de uma cosmo-visão, ou um “*Weltbild*”, que é a imagem, figura do mundo. A imagem do mundo é fundamental para que a cultura não entre em decomposição.²⁹

2. Cristo – o ponto centralizador do cosmos

Boff apresenta vários modelos que buscam responder à pergunta pela unidade da realidade, ou, a totalidade de realidade. Essa pergunta rompe com as ciências que se preocupam somente com partes, setores da realidade.³⁰

A estrutura comum desses modelos é o vínculo unificador, e a fé cristã apresenta Cristo como o “*meeting point*” (o ponto de encontro). O mito de uma cristologia cósmica, na opinião de Boff, já esteve presente nos Evangelhos, na filosofia e na teologia cristã. Essa é a melhor forma de articular a realidade profunda da totalidade da realidade. O mito sempre é contado para dentro de uma realidade específica de cada época da história. O material representativo pode ser pré-científico, metafísico ou científico,

28 Cf. Leonardo BOFF, *O Evangelho de Cristo Cósmico*, p. 55.

29 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 56 – 57.

30 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 96s.

como aconteceu em T. de Chardin.³¹

De fato, a tarefa de T. de Chardin foi pensar Cristo para dentro da realidade do pensamento científico. Chardin descobre energias no cosmos a partir da humanização e da amorização. Ele enxerga o Cristo Cósmico como o grau máximo de convergência do cosmos. Para T. de Chardin, somente Cristo é o centro do mundo, seu motor e seu alfa e seu ômega. O homem é o infinitamente complexo junto com o infinitamente grande do macrocosmo e do infinitamente pequeno do microcosmo.

Segundo Boff, T. de Chardin restitui ao ser humano sua posição de grandeza que ele perdeu com o racionalismo, tornando-se apenas uma grandeza perdida no espaço. Portanto, o mito seria a forma mais adequada para entender a totalidade da realidade e o seu princípio centralizador e unificador.³²

3. A Trindade como fundamentação do mito do Cristo Cósmico

Segundo L. Boff, o Cristo cósmico deve ser pensado como condição de possibilidade. Esse jeito de fazer cristologia tem a ver com o ato da criação ser um dado em Cristo, e que redenção acontece *através* de Cristo e de o Cristo cósmico encontrar-se no interior dos seres do cosmos. Para L. Boff, a cristologia cósmica encontra-se situada na reflexão cristológica transcendental, desenvolvida no interior do processo trinitário. Dessa forma, esse tipo de cristologia preocupa-se com a economia da salvação. Para Boff, a Trindade leva a pensar uma cristologia transcendental cósmica, dimensionado a soteriologia.³³

Boff coloca-se claramente na tradição de Duns Scotus no que se refere à interpretação do homem Jesus de Nazaré. Boff interpreta Duns Scotus dizendo que conhecemos através da história de Jesus, no Novo Testamento, que este homem foi predestinado por Deus a ser a pessoa que mais ama a Deus fora de Deus. Deus decretou unir o homem Jesus de Nazaré a uma pessoa divina que é o Verbo. Assim o homem Jesus habitou entre nós como o Verbo encarnado. Isso Deus fez para que Jesus - Homem fosse capaz de amar Deus divinamente fora de Deus.

Assim, segundo Boff, essa natureza humana tem primazia na proximidade com Deus e é suprema entre todos os seres. Os demais seres são derivados do ser humano Jesus e são criados através dele e para ele. Assim, a criação desde o seu início está direcionada para o ser humano.

A gênese do homem já está no germe da cosmogênese. A natureza

31 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 96-97.

32 Cf. L. BOFF, *O Evangelho do Cristo Cósmico*, p. 98-99.

33 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 103s.

humana e toda a criação são assumidas pelo Verbo encarnado. Desse modo, todos os seres têm o caráter humano e, mais ainda, todos os seres levam a estrutura crística em si. A criação traz em si, ontologicamente, as estruturas crísticas.

Perguntamos a L. Boff se a partir da radical encarnação do Verbo qualquer ser humano poderia vir a ser um Cristo, ou é ele potencialmente um Cristo.³⁴

Para Boff, a “cristogênese está inserida, como telos, na própria estrutura do ser criado”.³⁵ A teologia descobre na criação os traços do Filho de Deus e de nosso irmão Jesus de Nazaré. Segundo Boff, o pancristianismo cristão tem sua raiz na Trindade. O Logos é imagem, símbolo, expressão, sacramento do Pai. Esse se torna visível no Verbo. A natureza humana de Cristo, que é o imitável infinito de sua essência, ainda que realidade deficiente comparada ao Logos, foi originada no Verbo no interior da Trindade.

Segundo a concepção de Boff, a natureza humana de Jesus, com a encarnação do Verbo, fora do círculo trinitário, é a maior expressão e sacramentalização do Logos. A natureza humana de Jesus não é uma aparência de Deus, mas é a própria auto-revelação do Logos, aparecendo a humanidade do Logos.

A natureza humana de Jesus não lhe foi concedida posteriormente, mas já existe desde a eternidade no interior da Trindade, portanto crística, e continua se expressando na obra da criação. A partir disso, Boff entende que todas as coisas que foram criadas a partir da natureza divina encarnada são crísticas. Sua natureza crística se deve à geração do Logos no interior da Trindade e, como seres criados, estendem-se para dentro da história através do ser humano.

Todos os seres criados têm seu centro de unidade e de coesão em Cristo, pois todas as coisas foram criadas em Cristo (Cl 1.17). Todas as coisas no universo existem através de Cristo, e seu ponto de partida e de chegada é igualmente Cristo. A reflexão cristológica cósmica justifica-se pela criação, a partir de uma visão transcendental do falar cristológico.³⁶ A redenção em Cristo não se limita ao âmbito pessoal, mas tem sua dimensão cósmica, pois “ele é o único Redentor que atrai a si as linhas divergentes da evolução, e as capitaliza para Deus”.³⁷

Cristo ganha sua dimensão cósmica e tem no cosmos sua presença

34 Cf. *Ibid.*, p. 103-105.

35 Cf. Leonardo BOFF, *op. cit.*, p. 106.

36 Cf. Leonardo BOFF, *op. cit.*, p. 105-8.

37 Leonardo BOFF, *op. cit.*, p. 108.

pneumática e a partir da ressurreição. Escatologicamente falando, a totalidade da realidade revelará sua natureza crística e será totalmente penetrada pelo Cristo. A Eucaristia revela a estrutura crística neste velho éon, pois os sacramentos são sinal e instrumento da graça. Na Eucaristia, temos a presença de Cristo na matéria. A matéria, na Eucaristia, recebe sua transparência crística e transparece como o fundamento último do seu ser, que é ser em Cristo.³⁸

4. A relação entre a transparência de Deus, o Cristo cósmico e a Trindade

Parece-nos que, na teologia de L. Boff, essas três grandezas teológicas, ou representações do divino são correlatas, e queremos investigar, seguindo as suas relações e semelhanças.³⁹ Para Boff, a estrutura no interior da Trindade é de comunicação do amor mútuo e de completa e absoluta doação entre os Presentes trinitários. A estrutura crística consiste desta amorização⁴⁰ e encontra-se em relação íntima com o mistério do Deus trinitário.

A estrutura de amor e de doação da Trindade encontra-se na criação e na realidade humana, pois o mundo foi criado à imagem do mistério da Trindade. Na forma como viveu a sua condição humana, Jesus Cristo revelou de maneira explícita o Deus triúno. Na concepção de Boff, a estrutura crística compõe-se da resposta com responsabilidades por parte do homem à proposta de comunhão de Deus com o ser humano. Há uma exigência interna de reciprocidade, pois aceitando o amor proposto pelo outro já é responder com amor. A proposta de Deus acontece no interior da consciência do ser humano, dentro da vida e nas situações concretas.

A concretização da estrutura crística acontece quando nos abrimos ao próximo e a Deus e respondemos com responsabilidade diante da consciência e dos outros. Mas a história humana é constituída de salvação humana e perdição, de abertura e de fechamento. Jesus de Nazaré realizou plenamente a estrutura crística, pois identificou, numa união indivisível e inconfundível, a sua resposta com a proposta de Deus. Deus e o ser humano se encontram em Jesus Cristo. Jesus é o melhor dom dos homens a Deus e, ao mesmo tempo, é o maior dom de Deus aos homens.⁴¹

38 Cf. Leonardo BOFF, op. cit., p. 109.

39 A respeito deste tema mapeamos a seguinte literatura: 1. Sobre a estrutura crística e a Trindade: L. BOFF, *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes 1977. p. 274ss; 280-283; 210. 2. A fundamentação trinitária para o Cristo cósmico: L. BOFF, *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*, p. 177-81. A Trindade como fundamentação para o Cristo cósmico: Leonardo BOFF, *O Evangelho do Cristo cósmico*, p. 103-11.

40 Cf. Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, p. 274-75.

41 Cf. Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, p. 275-277.

Para Boff, a estrutura crística é uma estrutura antropológica e a história da natureza crística. Cristo é o sentido e o auge da história da humanidade. Jesus é o primeiro ser humano que chegou no fim da caminhada. Se vivermos como ele, também chegaremos aonde ele chegou.⁴²

Boff afirma: “Desde toda a eternidade ele foi predestinado por Deus a ser aquele que amasse a Deus em forma divina fora de Deus, a tornar-se aquele homem que pudesse realizar todas as capacidades contidas em sua natureza humana, especialmente aquela de poder ser-um com Deus”.⁴³

A criação, para Boff, é manifestação da Trindade, pois esta é pensamento de Deus. A criação em sua totalidade está no interior do mistério da Trindade. A mais completa manifestação de Deus, a perfeita imagem e semelhança de Deus no Filho é a natureza humana deste. No interior da Trindade, todas as coisas levam as marcas e os sinais do Filho.

Boff insiste dizendo que Jesus de Nazaré viveu intensamente e profundamente sua humanidade de tal forma que se tornou um com Deus, sendo Deus e Homem. Deus criou a totalidade no Filho, e o Filho se encarnou na criação. Portanto, a estrutura crística da criação tem sua origem na Trindade. Todos os sacramentos e símbolos estão cheios de Cristo e da Igreja por causa do Logos-Homem. Assim, todo o mundo criado carrega o selo humano-crístico-sacramental.

Para L. Boff, o texto de Cl 3.11 é fundamental para a compreensão da estrutura crística do mundo, pois ali se afirma que Cristo é tudo em todas as coisas. “O tema do mistério de Cristo apresentado nas cartas de Efésios e de Colossenses é a unidade na pluralidade cujo *meeting-point* é Jesus Cristo. O cosmos é concebido cristologicamente, e Cristo e a Igreja assumem dimensões cósmicas”.⁴⁴

Segundo Boff, o Filho sempre esteve agindo na criação e tornou-se totalmente manifesto em Jesus de Nazaré. Nele ocorre a principal e total manifestação de Deus no mundo. Isso significa que houve a total interpenetração de Deus e do ser humano.

Poder-se-ia dizer que, para Boff, Cristo desde a eternidade foi o primordialmente querido, e todas as outras coisas da criação derivam dele. A natureza humana de Jesus é o protótipo e o sacramento de todo o ser e é o penúltimo alvo da totalidade. Inclusive, a natureza humana de Jesus já era sacramento do Pai e do Logos no interior da Trindade. Jesus é a aparição de Deus e sua revelação fora da Trindade.

42 Cf. op. cit., p. 280-281.

43 Leonardo BOFF, op. cit., p. 281.

44 Cf. Leonardo BOFF, *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*, p. 84-5, 180-81; Cf. L. BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, p. 282.

Na visão de Boff: “Esta manifestação significa acabada interpenetração de Deus e do homem, unidade inconfundível e indivisível e meta da criação agora inserida dentro do próprio mistério trinitário. Jesus Cristo se constitui assim o paradigma e o exemplar daquilo que vai acontecer com todos os homens e com a totalidade da criação”. Boff, ao pensar o sacramento primordial, coloca Cristo no interior do círculo trinitário como o sacramento-primordial do Pai. Para Boff, o pensar sacramental precisa necessariamente partir da Trindade.

A partir de Jesus Cristo, a totalidade da realidade é elucidada. Por meio dele, vemos que o ser humano chegará à sua perfeição somente através da divinização operada por Deus. Boff vê, nesse processo evolutivo, Jesus como o penúltimo elo, pois nele ocorreu aquilo que Deus fará, assumindo toda a realidade.⁴⁵

O Reino de Deus inicia neste mundo quando a justiça tomar forma, que a revolução do amor penetre sempre mais as estruturas humanas. O cosmos e o ser humano não foram transfigurados, mas estão a caminho e ainda vivem a ambigüidade na qual o Reino de Deus está inserido. Boff diz: “Enquanto não se realizar o ‘panteísmo cristão’ do ‘Deus tudo em todas as coisas’ (1Cor 15.28), Jesus Cristo continua a ter esperança e a possuir um futuro”.⁴⁶ Na mesma linha de pensamento, Boff afirma que o futuro de Jesus Cristo reside na sua parusia e na ressurreição dos mortos e na transfiguração do cosmos. O que aconteceu com ele acontecerá com os seus irmãos e com toda a realidade. A plenitude e a consumação já estão fermentando dentro da criação.⁴⁷

VII. A UNIVOCIDADE DA GRAÇA E DA NATUREZA E A DESCONTINUIDADE ENTRE CRIAÇÃO E A REDENÇÃO: DUAS PERSPECTIVAS

Observamos que na teologia de Leonardo Boff, a graça, a Trindade e Cristo não se encontram em relação de ruptura e descontinuidade com o mundo. Por isso mesmo, a revelação da graça de Deus não difama a natureza, mas é a força de Deus no homem que completa e supre as fraquezas da natureza humana. A graça de Deus fermenta o mundo, misturando-se a ele.

Diante disso, observamos que a concepção de “existencial sobrenatural” de Rahner influenciou a compreensão do conceito “uma só história” defendida pela teologia de Boff. Rahner discorda da proposição

45 Cf. Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, p. 282s.

46 Leonardo BOFF, op. cit., p. 284.

47 Leonardo BOFF, op. cit., p. 285.

da escolástica, de que a graça é acréscimo da natureza e que a graça nada pode sem a natureza. No pensamento medieval, o papel da graça era o de completar a natureza, levando-a a perfeição. Assim, o ser humano chegaria à perfeição quando a graça sobrenatural se apoderasse do homem natural. Todavia, para Rahner, a graça originária e apriorística, ou seja, a capacidade de acolher a auto-revelação de Deus, é encontrada na natureza humana. A graça apriorística significa que o ser humano está ordenado ao fim sobrenatural, à salvação de Deus. Temos, então, uma determinação ontológico-real do homem, que é ao mesmo tempo sobrenatural, pois a graça sobrevém gratuitamente à sua natureza. Desse modo, a natureza está inscrita no interior da graça. A natureza é assumida pela graça. O ser humano tem a potência real para a salvação, que é um dom de Deus à natureza criada. O amor de Deus e o existencial sobrenatural são dons livres. De qualquer modo, a Teologia da Libertação como um todo costuma falar de uma só história. Esse conceito significa que a história humana também é história salvífica. Trata-se do conceito medieval da univocidade do ser, ou seja, que na ontologia já temos a revelação da graça de Deus.

Boff diz que o mundo e Deus não são realidades separadas. Assim, não é possível colocar imanência e transcendência, tempo e eternidade, criatura e criador como grandezas que se opõem. Essas realidades não devem ser compreendidas como naturezas estáticas. Elas encerram a dinâmica dos processos históricos, a lógica da inclusão dos distintos e o jogo de relações. Segundo Boff, é possível descobrir Deus dentro de nós como processo de geração e aspiração, através do qual a Trindade emerge de dentro de nós. E isso é o céu.

Nesse sentido, a revolução é um acontecimento místico e, ao mesmo tempo, político, que é entendido assim:

O palco para essa revolução necessária, a revolução brasileira, está montado nestas eleições presidenciais. Mas há um outro candidato que vem da grande tribulação na qual está crucificado o povo brasileiro. Sabe de suas dores e de suas esperanças, do que ele precisa e de como realizá-lo: a utopia menor de poder trabalhar, comer, se educar, se tratar quando doente e de conviver com um mínimo de decência. Ele se levanta e tem a coragem de dizer o óbvio, aquilo que a razão rasa e comezinha dita: “capital se faz em casa”, fundado no trabalho honesto do povo e na produção laboriosa de nossos empreendedores e não aquele, pobre, que se toma lá fora, dos que praticam a agiotagem internacional. Agora tudo indica que o tempo da revolução brasileira chegou. A semeadura já foi feita. É hora da colheita. Importa secundar os que

propõem a transformação e, junto com eles, reinventar um Brasil de outros quinhentos.⁴⁸

Vemos assim que a preocupação de L. Boff é com a eficácia da experiência, condição para uma espiritualidade autêntica. O foco da experiência do divino a partir de meados da década de 1990 e ao longo da década de 2000 não está na palavra cristã e na teologia, mas na espiritualidade que tudo integra e re-liga. As religiões não são mais o fator decisivo na transformação da civilização excludente e opressora, embora elas ainda tenham a sua importância.⁴⁹ A espiritualidade, e não a religião, segundo Boff, trará a verdadeira transformação, a solidariedade com o cosmos. Para ele, “ao ‘complexo de Deus’ devemos propor ‘o nascimento de Deus’ dentro de cada pessoa e da história da humanidade, e sua epifania no universo”.⁵⁰

Para a teologia da Reforma protestante, ao contrário do pensamento de Leonardo Boff, a analogia da fé, reconhecida na revelação em Jesus Cristo, pressupõe a analogia do ser, que acontece no âmbito da história e da revelação na natureza, mas não se funde com a criação. Cremos que o Deus redentor é também o Deus criador. Assim, ele não despreza a sua criação. A revelação na história e na criação e a revelação de Deus nas Escrituras não deveriam ser abordagens da teologia que se excluíssem mutuamente, mas que se relacionassem na continuidade e na descontinuidade. Lutero falava da relação entre o *deus obsconditus*, que está no âmbito da criação, e o *deus revelatus*, que conhecemos por meio de Jesus Cristo. Uma outra expressão teológica, para falar do mesmo assunto, é da relação da Lei para com o Evangelho. A Lei não salva, mas condena, pois revela o pecado humano e a santidade de Deus. Somente a graça pode salvar, sendo que a graça é reconhecida na sua profundidade na medida em que a Lei acusa o ser humano, colocando-o diante da santidade e da ira de Deus. A história e a criação não carregam a salvação, como é defendido por Leonardo Boff, mas elas são profundamente marcadas pelo pecado. Para Boff, o pecado é uma grandeza moral, é deficiência do bem. Ele também conhece as implicações morais do pecado humano, que se refletem na ameaça planetária com a qual a sociedade deveria se preocupar. Segundo Boff, “três problemas

48 Leonardo BOFF. Quem fará a revolução? *Jornal A Notícia*. Joinville, 14 de setembro de 2002. <http://www1.an.com.br/2002/set/14/0opi.htm>. Acesso em: 04 dez de 2007.

49 Importante estudo a respeito de uma hermenêutica ecumênica de Rudolf von SINNER. *Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar*. 2003.

50 Leonardo BOFF. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 7. ed. São Paulo: Ática, p. 21.

básicos nos affigem: a alimentação, que inclui a água potável; as fontes de energia; e a superpopulação. Para cada um desses problemas, não temos soluções globais à vista. E o tempo do relógio corre contra nós. Agora é o momento de crise coletiva, que nos obriga a pensar, a madurar e a tomar decisões de vida ou de morte”.⁵¹

Entretanto, para a teologia de Martinho Lutero o pecado é uma grandeza ontológica e existencial. É tragédia e é destino com implicações morais profundas. Na revelação para a salvação Deus revela seu amor em Jesus Cristo. Ele é expressão da natureza de Deus. A revelação se manifestou na cruz e na ressurreição, pois Jesus Cristo é o vencedor, mas ao mesmo tempo é a vítima, o sacrifício vicário. Lutero não nega a revelação de Deus na criação, mas se trata do conhecimento da Lei e não do Evangelho. Esse conhecimento não é ainda o conhecimento do Evangelho da salvação. Somente quem foi julgado pela lei pode ser consolado pelo Evangelho, e somente quem foi destruído pela lei pode realmente ser levantado, e somente quem foi assustado pode ser consolado por Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

- BOFF, Leonardo. *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung. Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen Grundlegung der Kirche im Anschluss an das II. Vatikanische Konzil*. Paderborn: Verlag Bonifatius-Druckerei 1972. 552 p.
- BOFF, Leonardo. *O Evangelho do Cristo cósmico. A realidade de um mito. O mito de uma realidade*. Petrópolis: Vozes 1971. 121 p.
- BOFF, Leonardo. *Atualidade da experiência de Deus. Conferência dos Religiosos do Brasil*. Rio de Janeiro 1974. 86 p.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes 1977 (1972). 285 p.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 7. ed. Petrópolis: Vozes 2001.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível. Convivência respeito e tolerância*. Vol. II. Petrópolis: Vozes 2006.
- BOFF, Leonardo. Religião e teorias do “tudo”, in: *Jornal A Notícia*, coluna: Opinião. Joinville, 03 de nov. 2007. <http://www.an.com.br/2007/nov/03/0opi.jsp>. Acesso em: 04 dez. 2007

51 Leonardo BOFF. Religião e teorias do “tudo”, in: *Jornal A Notícia*, coluna: Opinião. Joinville, 03 de nov. 2007. <http://www.an.com.br/2007/nov/03/0opi.jsp> 03 de novembro de 2007. Acesso em: 03 de dezembro de 2007.

BOFF, Leonardo. Quem fará a revolução?, in: *Jornal A Notícia*, coluna: Opinião. Joinville, 14 de setembro de 2002. <http://www1.an.com.br/2002/set/14/0opi.htm>. Acesso em: 22 de janeiro de 2007.

SCHWAMBACH, Claus. *Rechtfertigungsgeschehen und Befreiungsprozess: Die Eschatologien von Martin Luther und Leonardo Boff im kritischen Gespräch*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 2004.

SINNER, Rudolf von. *Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar*. (Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie, Vol. 43). Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck) 2003.

SINNER, Rudolf von. *Leonardo Boff – um católico protestante*, in: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo 2006, ano 46, n.1, p. 152-173.

WESTPHAL, Euler Renato. *Reflexões hermenêuticas: experiência e eficácia no pensamento de Leonardo Boff*, in: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo 2007, ano 47, n.1, p. 43-64.